

A FUNÇÃO EDUCATIVA DOS MUSEUS DE BERTHA LUTZ
UMA PEÇA (QUASE) ESQUECIDA DO QUEBRA-CABEÇA DA MUSEOLOGIA NO BRASIL
BERTHA LUTZ'S A FUNÇÃO EDUCATIVA DOS MUSEUS
THE (ALMOST) FORGOTTEN PIECE OF THE MUSEOLOGY PUZZLE IN BRAZIL

CÍCERO ANTÔNIO FONSECA DE ALMEIDA | Museólogo, mestre em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), professor do Departamento de Estudos e Processos Museológicos da UNIRIO e diretor executivo do Centro Cultural Justiça Federal.

RESUMO

O artigo apresenta o pensamento de Bertha Lutz sobre o papel educativo desempenhado pelos museus, extraído da publicação *A função educativa dos museus*, resultado de observações sobre o funcionamento dos setores educativos de 58 museus norte-americanos visitados em 1932. O texto permaneceu inédito até 2008 e traduz os debates ocorridos nos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX, que preconizavam o caráter público e didático dos museus, além de sua projeção social, sintetizados na expressão *the new museum idea*.

Palavras-chaves: Museu Nacional; museologia; educação em museus; Bertha Lutz.

ABSTRACT

The article presents the thoughts of Bertha Lutz about the educational role of museums, extracted from the publication *A função educativa dos museus* (The Educational Role of Museums), which was a result of observations on the functioning of the educational sectors of 58 American museums visited in 1932. The text remained unpublished until 2008, and reflects the discussions held in the United States in the first decades of the twentieth century which advocated for the public and educational nature of museums, as well their social projection, synthesized in the expression “the new museum idea”.

Keywords: National Museum (Brazil); museology; education in museums; Bertha Lutz.

RESUMEN

El artículo presenta el pensamiento de Bertha Lutz sobre el papel educativo desempeñado por los museos, extraídos de la publicación *A função educativa dos museus* (El papel educativo de los museos), a partir de las observaciones sobre el funcionamiento de los sectores educativos de 58 museos estadounidenses visitados en 1932. El texto fue finalmente publicado en 2008, y refleja los debates celebrados en los Estados Unidos en las primeras décadas del siglo XX, que propugnaba el carácter público e educativo de los museos, así como su proyección social, que se resume en la expresión *the new museum idea*.

Palabras clave: Museo Nacional (Brasil); museología; educación en museos; Bertha Lutz.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No primeiro dia de abril de 1932, Bertha Lutz, cientista e principal ativista do movimento feminista no Brasil, à época atuando no setor de botânica do Museu Nacional, começava a sua terceira viagem aos Estados Unidos, a segunda em que se dedicava ao estudo dos museus. Seu desejo era conhecer o funcionamento dos departamentos e serviços educativos mantidos pelos museus norte-americanos. Este foco de análise era inovador no contexto da ainda incipiente museologia brasileira e permitiu que Bertha ampliasse seu olhar sobre a dimensão pedagógica dos museus, questão que já havia assimilado em sua segunda viagem aos Estados Unidos, realizada em 1925.

Após seu retorno, apresentou à direção do Museu um extenso relatório de viagem, que pretendia publicar inicialmente sob o título de *O papel educativo dos museus americanos*, depois alterado para *A função educativa dos museus*. Seu desejo, entretanto, não se consumou, e o livro só foi publicado em 2008.¹

Para entender melhor o caráter pioneiro do pensamento expresso no relatório de Bertha Lutz, basta lembrar outro fato que ocorreu no mesmo período. Exatamente no dia 4 maio de 1932, foi realizada a primeira aula do mais antigo curso de formação no campo da museologia no país, o “curso técnico de museus”, vinculado ao Museu Histórico Nacional (MHN). Os professores do novo curso eram funcionários da própria instituição e tinham a incumbência de transmitir aos alunos inscritos a experiência de trabalho do MHN.² O eixo do ensino, sob a regência de Gustavo Barroso, criador e primeiro diretor do Museu, foi consolidado numa disciplina central, que Barroso chamou de “técnica de museus”, dividida em cinco grandes áreas: “organização, arrumação, catalogação, restauração e classificação de objetos” (Barroso, 1946, p. 7).³ A função educativa dos museus não estava contemplada no conjunto das técnicas aplicadas aos museus.

O modelo adotado pelo curso de museus – que influenciou as primeiras gerações de museólogos brasileiros – estava baseado na experiência europeia, especialmente na tradição francesa, que tinha na Escola do Louvre seu principal núcleo de formação de pessoal para museus. Os candidatos ao cargo de “técnico” ou “conservador” (nomenclatura também utilizada na França), segundo Barroso, deveriam saber, primordialmente, classificar de maneira correta os objetos: “sem essa base, será impossível identificar com acerto e propriedade os objetos, entender o que se pode chamar sua linguagem, própria ou sim-

1 Publicado pelo Museu Nacional e pela editora Muiraquitã, com apoio da FAPERJ, resultou do tratamento dos arquivos existentes no Museu Nacional e no Arquivo Nacional, referentes a Bertha Lutz, e teve a organização confiada a Guilherme Gantois de Miranda, Maria José Veloso da Costa Santos, Sílvia Ninita de Moura Estevão e Vitor Manoel Marques da Fonseca.

2 O curso de museus foi criado pelo decreto n. 21.129, de 7 de março de 1932, que determinava sua vinculação direta à direção do Museu Histórico Nacional, e duração de dois anos, habilitando os alunos para o cargo de 3º oficial do MHN.

3 Por ocasião do início do curso de museus, Barroso estava afastado da direção do Museu, só retornando em novembro de 1932. O curso foi efetivamente criado na gestão do historiador Rodolfo Garcia.

bólica, catalogá-los, aferir o seu valor e até arrumá-los bem” (Barroso, 1946, p. 14). Este pensamento predominou no curso de museus até a reforma curricular de 1944, quando a ementa da parte geral apontava a necessidade de estudo das “finalidades sociais e educativas dos museus” (Sá, 2007, p. 16).

Bertha Lutz foi expectadora privilegiada da disseminação de novos conceitos na museologia norte-americana, especialmente a “teoria nova do museu”, que se consolidou ao longo das duas primeiras décadas do século XX, influência direta do pensamento de William Flower, diretor do Departamento de História Natural do Museu Britânico, entre 1884 e 1898.⁴ O conceito não era corrente no Brasil, e foi assim resumido por Bertha Lutz:

na realidade, até as últimas décadas, os museus tinham descurado um tanto o aspecto popular de sua função educativa. [...]. As coleções eram organizadas de modo a facilitar as investigações científicas, não obstante a aridez desta modalidade de exposição. Por grande favor admitia-se o público a percorrer as salas e ler os rótulos anexados aos espécimes [...], e nos museus de arte, ao nome do autor da obra, sua data de nascimento e de morte. Agora não é mais assim. O museu contemporâneo está começando a adquirir consciência de seu papel de esclarecedor da massa do povo e a envidar todos os esforços nesse sentido (Lutz, 2008, p. 31).

O pensamento de Bertha Lutz sobre educação em museus teve pouca ressonância entre os profissionais dos museus brasileiros, por duas razões basicamente: por um lado, o fato de não ter sido imediatamente publicado, permanecendo apenas sob a forma de um relatório preservado nos arquivos do Museu Nacional; por outro, pela dissonância com a prática adotada pelos museus no período, ou mesmo, como já vimos, com o modelo de ensino de museologia recém-implantado pelo curso de museus, focado fortemente na tradição que podemos chamar de “coleccionista-classificatória”.⁵

UM LIVRO “FORA DO TEMPO”

Nascida em São Paulo, em 2 de agosto de 1894, filha de Adolfo Lutz, Bertha Maria Julia Lutz era zoóloga e estudou ciências naturais em Paris, na Sorbonne, onde graduou-se em

4 William H. Flower publicou, em 1898, o livro *Essays on museums and other subjects connected with Natural History*, uma coletânea de artigos, além de outros textos nos anos seguintes, que serviram para consolidar os princípios da *new museum idea*, que indicava uma ampliação da atuação dos museus no novo século, como instituições voltadas para a popularização da ciência e a educação do público.

5 Vale ressaltar, entretanto, que nos anos de 1940 outras reflexões sobre a importância da perspectiva pedagógica dos museus começaram a surgir no panorama da museologia no Brasil, demonstrando que tanto as instituições quanto seus profissionais começavam a se tornar mais permeáveis às novas tendências. Dois trabalhos merecem destaque: *A extensão cultural dos museus*, de Edgard Sussekind de Mendonça, e *Museus para o povo*, de José Valadares, ambos publicados em 1946. O trabalho de Valadares também resultou de uma viagem de estudos aos Estados Unidos. Paradoxalmente, o fortalecimento do papel educativo dos museus no Brasil tem sido uma das características que mais avançaram no país nos últimos vinte anos.

1918. Em 1919, prestou concurso público para o Museu Nacional, ingressando no quadro desta instituição em 4 de setembro do mesmo ano, onde exerceu diversas funções nos campos da botânica, zoologia e, em especial, na organização do museu e nos seus serviços educativos, e se aposentou em 1964. Bertha foi a segunda mulher a ingressar no serviço público no Brasil.

Três anos após ingressar no Museu, fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), que pretendia promover a educação e a profissionalização das mulheres. Em 1933, graduou-se em direito, no Rio de Janeiro, e em 1936 assumiu a cadeira de deputada federal, na condição de suplente do deputado Cândido Pessoa, que falecera, exercendo o mandato até a instauração do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937.

Apesar dos inúmeros compromissos assumidos, manteve seu vínculo com o Museu Nacional. Em viagem aos Estados Unidos em 1922, representou o Brasil na Assembleia Geral da Liga das Mulheres Eleitorais. De volta aos Estados Unidos, em 1925, entre os meses de março e abril, dedicou seu tempo aos museus, para analisar, dentre outras coisas, formas de intercâmbio de espécimes da flora e materiais etnográficos, preparo e organização de mostruários para museus de história natural e organização de museus para crianças. Bertha esteve de volta à Europa, em 1929, onde analisou museus na Alemanha, Inglaterra, França e Bélgica.⁶

A viagem de 1932 foi resultado do convite da Associação Americana de Museus e da União Pan-Americana, com o financiamento da Carnegie Corporation e da Carnegie Endowment for International Peace. Ao longo de sessenta dias, percorreu vinte cidades, e visitou 58 museus. Produziu um amplo relatório, em que destacou rotinas de trabalho, indicou referências bibliográficas e outras fontes, e incorporou inúmeras fotografias, fichas de catalogação, folhetos etc. Bertha teve a colaboração de Laurence V. Coleman, então diretor da Associação Americana de Museus, na definição do itinerário.

O texto de Bertha reitera, inicialmente, a ruptura de antigos conceitos sobre a atuação dos museus, ao tratar da oposição entre o “museu estático: templo das musas, relicários e troféus” e o “museu dinâmico e a sua projeção social”. Cita pensadores do campo da museologia, como Alexander Grant Ruhtven, John Cotton Dana e William Henry Flower, cujo trabalho *Essays on museums and other subjects connected with natural history*, publicado em 1898, teve grande repercussão nos Estados Unidos. Bertha enumerou alguns fatores que contribuíram para as novas diretrizes dos museus, com destaque para os “econômico-sociais”: “O professor Herbert Spinden, então chefe dos Serviços Educativos do Museu de Brooklyn, deu-me como uma das razões de vida do vasto programa educativo o fato de ser muito mais fácil obter auxílio de particulares e a concessão de verbas públicas para os museus, quando estes dão provas práticas da sua utilidade” (Lutz, 2008, p. 32).

6 Sobre a atuação de Bertha Lutz no campo da museologia são imprescindíveis os trabalhos de Maria Margaret Lopes, “Bertha Lutz e a importância das relações de gênero, da educação e do público nas instituições museais”, publicado na revista *Musas*, de maio de 2006, e “A construção da invisibilidade das mulheres nas ciências: a exemplaridade de Bertha Maria Julia Lutz (1894-1976)”, publicado na revista *Gênero*, em 2004.

A respeito dos fatores econômico-sociais, Bertha Lutz transcreveu o pensamento de John C. Dana, que havia ocupado a direção do Museu da Cidade de Newark:

todas as instituições públicas, sem exceção do museu, devem mostrar resultados correspondentes à despesa que representam e estes resultados devem ser positivos, tangíveis, visíveis e comensuráveis. O bom senso exige que as instruções mantidas por fundos públicos deem alguma retribuição ao povo, e que uma parte, ao menos, das suas atividades seja suscetível de compreensão clara pelo leigo e de avaliação exata pelo contribuinte (Lutz, 2008, p. 33).

No capítulo denominado “O museu em si”, são apresentadas questões essenciais que devem fazer parte do “museu moderno”, “um órgão insubstituível de divulgação popular”. Suas reflexões vão desde a localização e arquitetura dos museus, passando por problemas de horários de abertura ao público. Sobre a localização, fez uma reflexão sobre o Museu Nacional: “seria desejável [...] uma nova sede para o Museu Nacional. Penso que teríamos grande vantagem, do ponto de vista da nossa missão educativa, em escolher, mediante estudo prévio, um ponto acessível da cidade e em adaptar o horário de abertura aos lares do público que desejamos atrair” (Lutz, 2008, p. 45). Especificamente sobre horários de abertura e fechamento de museus, acrescentou a seguinte observação, ao falar do ramal da rua 69, do Museu de Artes da Pensilvânia: “funciona em horas que permitam o comparecimento do público que trabalha, já que se trata de um museu popular”.

Os dois capítulos finais do livro, intitulados “Metodologia educativa do museu” e “O museu em ação”, concentram questões “aplicadas”. Ao começar a analisar as metodologias, Bertha aponta os “princípios orientadores” da exposição, e destaca a importância das exposições de caráter transitório⁷ (“a fim de continuar a atrair o mesmo público, o museu deve organizar, ao lado das exposições permanentes, outras de caráter transitório”) e dos “acessórios”, como os *habitat-group* (grandes dioramas com reconstrução de cenas da natureza), reproduções em cera e uso de projeção cinematográfica etc.

Os serviços educativos oferecidos ao “público em geral ou a grupos determinados”, como portadores de deficiência física, chamou a atenção de Bertha: “os museus demonstram também o mais louvável carinho para com os [...] cegos, surdos-mudos e paralisados. [...] É emocionante observar a visita de um grupo de crianças cegas ao museu” (Lutz, 2008, p. 67). Da mesma maneira, as chamadas *study hours*, períodos que alguns museus dedicavam a receber visitantes para estudos sobre o acervo, foram lembradas por Bertha, que assistiu a uma dessas atividades no Metropolitan de Nova Iorque, dedicada aos empregados do comércio local.

Especialmente em Nova Iorque, foram analisados museus que ofereciam curso para professores, alguns reconhecidos pela Diretoria de Instrução Pública, que garantia aumento

7 Chamadas hoje de exposições temporárias ou de curta duração.

anual de salário para os professores que realizassem um tempo mínimo de formação em museus. Na questão da relação museu-escola, Bertha acentuou um ponto ainda muito atual, que é a necessidade de treinar os professores antes das visitas de alunos, em assuntos ligados ao objeto de trabalho do museu: “as vantagens são recíprocas, permitindo maior eficiência pedagógica no programa educacional museográfico e dando ao museu o ensejo de servir à educação popular, sem sacrifício dos seus serviços técnicos e de seu pessoal científico, aliás, muitas vezes pouco apto a fornecer explicações aos leigos” (Lutz, 2008, p. 69).

ATIVIDADES “CENTRAIS” E “EXTENSIVAS”

Na parte dedicada ao “museu em ação” são apresentadas duas modalidades básicas de atividades educativas, as “centrais” e as “extensivas”. Em relação às atividades centrais – realizadas primordialmente no espaço do museu –, Bertha destacou o trabalho dos docentes e instrutores, que organizavam palestras nas próprias salas de exposição ou em anfiteatros especialmente concebidos para essas atividades, além de sessões recreativas, concertos, demonstração de modelos animados, dentre outras atividades. Sobre o trabalho dos docentes, foram consideradas habilidades essenciais à capacidade de despertar a atenção dos visitantes e o elevado nível de conhecimento sobre os temas principais das exposições:

o serviço de docentes é importantíssimo, porque nada justifica que, em instituições de arte ou de ciência, as únicas pessoas que se acham à disposição do público, para fornecer-lhes explicações, sejam os guardas do estabelecimento ou os cicerones profissionais, que não podem evidentemente ser especialistas na matéria e que, geralmente, dão explicações duvidosas (Lutz, 2008, p. 80).

Além das atividades “centrais” realizadas nos próprios museus, também estavam em pleno crescimento nos Estados Unidos as ações “extramuros”, notadamente as “trilhas da natureza”: “o primeiro passo no desenvolvimento de um programa museológico de estudos ao ar livre é constituído pela organização de uma trilha da natureza, em geral num dos parques da cidade ou dos arredores, com o concurso das autoridades dos parques e jardins” (Lutz, 2008, p. 83).

Bertha apresentou também a experiência dos “museus ao ar livre”:

de algum tempo para cá, surgiu uma verdadeira escola de museólogos, que acha, aliás, com muita razão, que o estudo da história natural deve ser feito no seio da própria natureza. A primeira iniciativa dessa espécie foi a de Skansen [Suécia], que se tornou célebre. Mas também nos Estados Unidos há muita coisa realizada nesse particular. Vários museólogos têm se distinguido no desenvolvimento do ensino ao relento, [...]. Hoje em dia, já existem numerosos museus ao ar livre e trilhas naturais. [...] Tive o ensejo de estudar de perto o Museu ao Ar Livre de Bear Mountain, no Interstate Palissades Park, estado de Nova York. [...] O público comparece ao parque de Bear Mountain em barcos que sobem o rio Hudson ou pela estrada de rodagem. [...] Parando de vez em quando para mostrar

os recantos mais cênicos da paisagem, [...] encontrávamos grandes rótulos [textos explicativos], em estilo rústico, apontando a direção do Museu ao ar livre ou intercedendo junto ao público a favor das flores e das árvores. Ao fim de duas horas, atingimos o ponto final do Museu (Lutz, 2008, p. 83-84).

Em relação às atividades “extensivas”, foram relatadas as estratégias de divulgação dos museus, como a criação de suplementos educativos publicados em jornais de grande circulação e a criação de programas transmitidos em rádio, alguns em cadeia nacional. A este respeito, Bertha deixou seu recado ao então diretor do Museu Nacional, Edgar Roquette-Pinto: “achando-se o diretor do Museu Nacional à frente da Rádio-Sociedade, poderia o nosso Instituto ter dado amplo desenvolvimento a semelhante iniciativa”. Ainda sobre o mesmo tema, em suas “palavras finais”, Bertha apontava o desejo de organizar no Brasil “um serviço de educação popular pelo rádio”.

Vale lembrar que o artifício de assinalar indicativos, ou mesmo críticas, em relação ao trabalho desenvolvido pelos museus brasileiros, em especial o Museu Nacional, fazia parte das intenções de Bertha. Em relação aos museus escolares, experiência que ganhou impulso no Brasil após o início da República, Bertha lançou a sua crítica mais contundente:

é um fato incontestável e muito interessante que o museu escolar se acha em fase de evolução regressiva. Dizem as autoridades no assunto, que a organização de museus por instrutores não especializados não conduz a resultados satisfatórios e que a doação de material dos estabelecimentos de ensino é condenável, porque no maior número dos casos, o material permanece em abandono (Lutz, 2008, p. 98).

Sua opinião sobre a “evolução regressiva” dos museus escolares estava baseada, dentre outras experiências, na situação encontrada nas escolas visitadas em 1921 no estado de Minas Gerais, quando observou que o material recebido do Museu Nacional não havia sido utilizado, à exceção dos casos onde o estabelecimento possuía naturalistas. Também em escolas do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, Bertha encontrou situação semelhante: “se o museu escolar não for dirigido por técnico muito capaz, degenera em coleção de curiosidades composta de espécimes sem nexos” (Lutz, 2008, p. 98).

Ainda sobre a aplicabilidade das experiências norte-americanas em museus brasileiros, outros aspectos foram acrescentados: “lembraria a reorganização e ampliação dos serviços de diapositivos em caráter de empréstimo, a criação de ramais, de coleções mostruários [...], de trilhas [...], de uma sala com programas para crianças” (Lutz, 2008, p. 104).

Sobre a relação específica entre os museus e o público infantil, Bertha dedicou extensa observação, privilegiando o lado lúdico das atividades: “há duas formas pelas quais os museus servem à infância, uma didática, que consiste em fornecer subsídios ao ensino e à instrução pública, e a outra, mais recreativa, que ensina enquanto distrai. É deste segundo método que trato aqui” (Lutz, 2008, p. 88).

Foram relatadas as experiências das salas especiais para crianças e dos jogos infantis, que em geral eram realizados através da aplicação de um questionário, após consulta às salas de exposições ou coleções específicas, para estimular a observação. O relatório descreveu as experiências com *puzzles* utilizados no Museu de Búfalo e no Museu Infantil de Brooklyn, além de outros recursos, como modelos animados, as salas de natureza e as feiras infantis.

Os museus dedicados inteiramente às crianças foram, sem dúvida, o grande destaque do capítulo. Em relação ao Museu da Criança de Boston, as estatísticas de visitação chamaram a atenção da autora: “128.752 crianças em 1928-9, com um máximo de 1.473 em fevereiro, e 151 mil em 1930”. Este museu foi referido como uma

organização poderosa, com trustes, diretora muito eficiente, pessoal técnico feminino treinado e muitos auxiliares. [...]. Acha-se aberto diariamente de 9h às 17h e aos domingos, à tarde. [...]. O Boston Children’s Museum está tão individualizado que possui o seu próprio hino e edita folhetos e uma revista. É considerado um estabelecimento modelar (Lutz, 2008, p. 95).

A cientista e a ativista da causa feminina caminharam juntas, através de um olhar dirigido e sensível, como não poderia deixar de ser. Ao relatar as habilidades necessárias para os docentes e guias dos museus no que se referia ao aprendizado dos visitantes, concluiu que “embora possa parecer suspeito [...], verifiquei que, em regra geral, as mulheres revelam aptidões superiores para esse gênero de trabalho”.

No capítulo “Educando e educadores”, dedica um longo trecho à questão, intitulado “A mulher no museu”:

um dos aspectos da atividade dos museus americanos que mais me interessou foi verificar como é grande o número de mulheres que nele exercem a sua atividade, [...]. O Museu de Newark [...] é interessante do ponto de vista da mulher. [...]. O Museu tem grande número de funcionários entre os quais um só homem, o porteiro. Mas o trabalho pesado, quem o faz? Perguntei admirada. Elas mesmas ou, antes, a máquina que inventaram para esse fim. Possuem dois aparelhos que operam sobre o mesmo princípio que o chamado macaco dos automóveis. Um destina-se aos mostruários horizontais, outro aos verticais, mas é fato que sublevam e transportam qualquer mostruário, mesmo o mais pesado. Posso afiançá-lo sob palavra, porque eu mesma o experimentei e transporte um mostruário grande, de um lado para o outro, com a mesma facilidade com que se empurra em carrinho de criança (Lutz, 2008, p. 77).

A ATUALIDADE DE BERTHA LUTZ

Em suas palavras finais, Bertha Lutz procurou sintetizar os elementos que influenciaram a “evolução do museu” e a predominância das atividades de caráter educativo, e deixou um

recado entre otimista e crítico sobre o novo papel dos museus, que “fiéis a evolução dos tempos desceram cristãmente do seu aristocrático isolamento”.

As quase oito décadas que separam a redação do relatório e a definitiva publicação de *A função educativa dos museus* não impedem uma reflexão objetiva sobre a contribuição e a atualidade de Bertha Lutz. Deve ser ressaltada a preocupação da autora com o “novo” lugar do museu, a partir do que chamou de “duplo objetivo”, a pesquisa e a divulgação. Bertha assistiu de perto uma mudança de comportamento por parte dos museus norte-americanos, que se afastavam cada vez mais da tradição museológica europeia. A despeito de sua formação na Sorbonne, Bertha iniciou suas atividades científicas no Museu Nacional referenciada pelos Estados Unidos, “em que os cientistas priorizaram a dedicaram-se eles próprios às suas pesquisas, à educação e à divulgação científica” (Lopes, 2008, p. 20).

A autora antecipou uma tendência que somente após algumas décadas iria se consolidar definitivamente no país. Não bastasse a detalhada descrição das atividades que acompanhou de perto, Bertha também nos legou um quadro de referências bastante extenso, que serve hoje de parâmetro para uma compreensão do universo das principais influências teóricas que marcaram especialmente a museologia norte-americana. Em sua bibliografia se destacam, além dos já citados William Flower, Alexandre Ruhtven, John Cotton Dana, outros autores como Frank Collins Baker, Laurence Vail Coleman e Ralph Clifton Smith. No mesmo sentido, são preciosas as imagens anexadas, as fichas de pesquisa, os questionários, os cartazes de propaganda, e os modelos de etiquetas e textos explicativos ligados às exposições de longa duração.

Segundo Maria Margaret Lopes, a importância do pensamento de Bertha Lutz poderia ser assim resumida:

uma verdadeira e atualíssima provocação, um questionamento positivo aos estudos teórico-metodológicos da museologia, da educação em museus, dos estudos de público. É o mais insistente convite à necessária reflexão sobre as possibilidades analíticas que os museus oferecem aos historiadores em geral, aos historiadores das ciências, aos estudiosos de gênero, para nos ajudar a pensar o século XXI (Lopes, 2008, p. 23).

Referências bibliográficas

BARROSO, Gustavo. *Introdução à técnica de museus*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde; Museu Histórico Nacional, 1946.

LOPES, Maria Margaret. Convite à leitura. In: LUTZ, Bertha Maria Julia. *A função educativa dos museus*. Organizadores: Guilherme Gantois de Miranda, Maria José Veloso da Costa Santos,

Silvia Ninita de Moura Estevão e Vitor Manoel Marques da Fonseca. Rio de Janeiro: Museu Nacional; Niterói: Muiraquitã, 2008.

LUTZ, Bertha Maria Julia. *A função educativa dos museus*. Organizadores: Guilherme Gantois de Miranda, Maria José Veloso da Costa Santos, Silvia Ninita de Moura Estevão e Vitor Manoel Marques da Fonseca. Rio de Janeiro: Museu Nacional; Niterói: Muiraquitã, 2008.

SÁ, Ivan Coelho de. História e memória do curso de museologia: do MHN à UNIRIO. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional; IBRAM, v. 39, 2007.

Recebido em 20/9/2013

Aprovado em 23/9/2013